

**O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DO BEBÊ:  
O INÍCIO DE UMA EXISTÊNCIA**

por

**ANA LÚCIA DUQUE ALFAIA**

---

**Monografia apresentada à  
Escola de Educação da  
Universidade do Rio de Janeiro (Uni-Rio)  
como requisito parcial à obtenção  
do grau de Licenciada em  
Pedagogia**

Rio de Janeiro, novembro de 1994

**Universidade do Rio de Janeiro  
Centro de Ciências Humanas  
Escola de Educação  
Curso de Pedagogia**

**O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DO BEBÊ:  
O INÍCIO DE UMA EXISTÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso  
para obtenção do grau de Licenciada  
em Pedagogia  
Orientadora: Profa. Sandra Albernaz  
de Medeiros

Rio de Janeiro  
1994

## **AGRADECIMENTOS**

**Agradeço a Deus, por estar sempre comigo.**

**À minha família, pelo amor, dedicação e apoio com que sempre me cercaram.**

**À Profa. Sandra A. Medeiros, por seu carinho, colaboração, incentivo e dedicação na orientação deste trabalho.**

**À Profa. Anna Rosemberg, por seu carinho, boa vontade e seus conselhos sempre oportunos ao longo do Curso.**

**À Equipe do Laboratório de Sementes e do CISMA / Jardim Botânico do Rio de Janeiro, pela compreensão, apoio e colaboração que contribuíram para a conclusão do curso.**

**À minha amiga Flávia Ester, agradeço pela sua amizade sincera, carinho e paciência, em todos esses anos.**

## RESUMO

Este tema foi escolhido porque no currículo de Pedagogia não há um estudo mais específico sobre o desenvolvimento emocional da criança no primeiro ano de sua vida. Achando um tema de maior importância pois, é nesta etapa que começamos a construir a base da nossa personalidade, a qual, se não for bem construída, deixará marcas que nos acompanharão para o resto de nossas vidas, principalmente, na área da aprendizagem.

Às vezes não compreendemos os motivos pelos quais as crianças sentem dificuldades para aprender, não conseguem se relacionar e não tem motivação. A realidade é que o problema pode ter começado a partir dos primeiros dias de sua vida através da relação do bebê com a mãe e com o meio ambiente. No primeiro ano de vida a "figura da mãe" é fundamental para o bebê, pois será ela que lhe dará subsídios para caminhar sozinho, pois aprendemos a gostar do mundo externo pela maneira como nos é apresentado.

Partimos do princípio que o desenvolvimento é a construção conjunta entre o organismo e o meio ambiente. O comportamento do bebê não pode ser compreendido sem referência ao comportamento da mãe, os dois, juntos, constituem um sistema adotado para a construção de uma relação. (Winnicott, D.W. 1975).

A pesquisa foi baseada na abordagem psicanalítica pela qual é melhor trabalhado e explorado o tema.

**RESUMO**

**SUMÁRIO**

**INTRODUÇÃO**

**CAPÍTULO I -**

**AS RELAÇÕES MÃE-FILHO NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL**

As mães e seus bebês .....	03 e 04
Fatores congênitos .....	04 e 05
O Início da Fase Simbiótica .....	05 e 06
Comunicação na Diáde Mãe e Filho .....	06 e 07

**CAPÍTULO II**

A ALIMENTAÇÃO DO BEBÊ .....	08/09 e 10
-----------------------------	------------

**CAPÍTULO III**

O PAPEL DA FRUSTAÇÃO NA APRENDIZAGEM E NO DESENVOLVIMENTO .....	11 e 12
---	---------

**CAPÍTULO IV**

O AMBIENTE E ADAPTAÇÃO .....	13/14/15/16
------------------------------	-------------

## **CAPÍTULO V**

### **DA DEPENDÊNCIA À INDEPENDÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO**

**Dependência Absoluta .....17**

**Dependência Relativa .....18/19 e 20**

**CONCLUSÃO .....21 e 22**

**BIBLIOGRAFIA CONSULTADA .....23**

## INTRODUÇÃO

Consideramos que o desenvolvimento emocional da criança se inicia logo após o seu nascimento. Para observarmos e compreendermos como o ser humano se relaciona e edifica a sua personalidade e vida, não podemos deixar de fora o que sucede nos primeiros anos, meses, semanas e mesmo os primeiros dias de sua vida.

Antigamente o recém nascido e o bebê eram vistos como um ser deficiente, incompleto e incompetente, suas características não teriam significados para sua vida futura.

"A evidente orientação social da criança, suas habilidades de reconhecimento individual, principalmente da mãe, bem como suas habilidades comunicativas, reconhecendo e expressando sinais com significado emocional, tem, como consequência relevante, a formação do vínculo, com a construção de parcerias interativas, essenciais para o desenvolvimento humano". (DUNKER, A.C.B & LORDETO, E.R., 1993).

Segundo WINNICOTT (1988), a confiança é um fator muito importante na vida do bebê e é através dela que sua comunicação é registrada com sua mãe. Os seres humanos cometem erros, são imperfeitos, e a mãe também faz parte disto. Durante o tempo em que a mãe cuida do bebê, ela também comete falhas, mas de maneira imediata e continua ela as corrige. Estas falhas e correções são comunicadas ao bebê, e é assim que se inicia a interação da mãe e o bebê, pois uma adaptação bem sucedida dá uma sensação de segurança e um sentimento de ter sido amado.

Para as crianças todas as experiências são intensas, essa intensidade de sentimentos é relativo ao fato delas não compreenderem direito o que está acontecendo, assim é necessário ajudá-las a compreender a vida, sem assustá-las. Para que isso aconteça é fundamental que haja uma sintonia

entre o bebê e a mãe, sintonia esta que torne sua mãe tão "criança" quanto ele, isto é, a mãe se colocando no lugar do bebê para conseguir se comunicar com ele, mas ao mesmo tempo, tendo a consciência de que ela é a mãe e ele o bebê. Assim sendo o bebê encontrará em condições favoráveis, pois estará em um estado de dependência absoluta.



## CAPÍTULO I

### AS RELAÇÕES MÃE-FILHO NO DESENVOLVIMENTO DO BEBÊ

#### AS MÃES E SEUS BEBÊS

A maior parte do primeiro ano de vida é dedicado ao esforço de sobrevivência e à formação e elaboração dos instrumentos de adaptação que servem a esse objetivo. Freud volta sempre a nos lembrar que a criança, durante este período de sua vida, é indefesa e incapaz de sobreviver por meio de seus próprios recursos. O que falta a uma criança é compensado e suprido pela mãe. Esta provê a satisfação de todas as suas necessidades. O resultado é uma relação complementar, uma díade. Na medida em que, no decorrer do primeiro ano de vida, as potencialidades da criança que desenvolvem, ela se torna independente de seu ambiente. Este processo ocorre tanto no setor somático, como no setor psicológico da personalidade da criança.

As mães com bebês estão enfrentando uma situação evolutiva e em constante mutação; o bebê quando nasce nada sabe do mundo, a mãe tem a tarefa de apresentar o mundo aos poucos para ele, em pequenas doses.

Para o bebê todas as sensações são tremendamente intensas. Como tratar desta intensidade de sentimentos? A princípio o seu único referencial é a figura materna, ele precisa ter a confiança de que esta figura existe, de que é real e não faz parte só da sua imaginação, a mãe estabelece gradualmente as bases para a capacidade do bebê desfrutar todas as espécies de experiências sem precipitação tentando mostrar que o mundo não é tal como se imagina, e que a imaginação não é exatamente como o mundo.

Será muito produtivo para a mãe, se pensar que todas as coisas que faz em virtude do seu amor pelo bebê entram nele tal qual a comida, pois, é pela boca que a criança inicia o seu conhecimento pelo mundo. O seio materno torna-se o primeiro objeto de ligação infantil e de descoberta afetiva. É onde a criança deposita os seus primeiros amores e ódios. A criança incorpora o leite e o seio e sente ter a mãe dentro si.

Tudo que a criança pega é levado à boca, é comendo que ela conhece o mundo e que as identificações podem ser estabelecidas.

"O seio já existe quando o desenvolvimento maturacional não permite ainda à criança reconhecer o seu primeiro objeto total: a mãe. Esta se construirá gradativamente a partir do amor que o seio oferece"(RAPPAPORT, 1981).

### FATORES CONGÊNITOS

56. Cada um de nós nasce como um indivíduo distinto. Cada um de nós é diferente de qualquer outro indivíduo, primeiro devido ao que existe nele já no nascimento, segundo, em razão das potencialidades estabelecidas como Anlage na célula germinal. O recém-nascido é dotado de um equipamento congênito que o torna único. Este equipamento é composto por três partes: 1-Equipamento hereditário, determinado pelos genes, cromossomos, DNA, RNA etc; 2-Influências intra-uterinas que atuam durante a gestação; 3-Influências que passam a operar durante o parto.(SPTIZ,R.A.1993)

O assunto desta investigação é a gênese das primeiras relações objetais, isto é, das relações entre mãe e filho.

*Resumo 2 hipóteses*

Um aspecto igualmente peculiar e talvez único da relação mãe-filho é que a estrutura psíquica da mãe é fundamentalmente diferente daquela de seu filho. A relação entre parceiros tão acentuadamente desiguais só pode ser assimétrica: assim, a contribuição de cada um para o relacionamento mútuo será desigual.

Segundo RAPPAPORT (1981), o indivíduo herda uma série de estruturas biológicas (sensoriais e neurológicas) que predispõem ao surgimento de certas estruturas mentais. Não herdamos a inteligência e sim um organismo que vai amadurecer em contato com o meio ambiente.

Quando se fala em ambiente, inclui tanto os aspectos físicos como sociais, de relacionamento humano, que tornam mais difícil e complexo o processo de adaptação. A criança precisará desenvolver recursos intelectuais para solucionar uma variedade de situações para viver satisfatoriamente num determinado ambiente social. O ambiente físico como social cooperam no sentido de oferecer estímulos e situações que requerem um processo cognitivo para resolução.

### O INÍCIO DA FASE SIMBIÓTICA

Segundo MAHLER(1993) no recém-nascido a vida de vigília centra-se em torno de seu contínuo empenho em atingir a homeostase. O efeito dos cuidados maternos na redução dos espasmos da fome-necessidade não pode ser isolado, mesmo o bebê consegue diferenciá-lo de suas próprias tentativas de redução de tensão, como os atos de urinar, defecar, tossir, espirrar, cuspir, regurgitar, vomitar - todas as maneiras pelas quais o bebê tenta livrar-se da tensão desprazerosa. Tanto o efeito de tais fenômenos expulsivos como a gratificação obtida através dos cuidados maternos ajudam o bebê a discriminar diferentes qualidades de

experiência; uma "boa" prazerosa e outra "má" desprazerosa (Mahler & Gosliner, 1955).

Para MAHLER (1993), a partir do segundo mês, uma consciência difusa do objeto que satisfaz a necessidade marca o início da fase de simbiose normal, o bebê se comporta e funciona como se ele e sua mãe fossem um sistema onipotente - uma unidade dual dentro de uma fronteira comum.

Segundo MAHLER (1993) o nascimento psicológico do indivíduo refere-se ao processo de separação-individualização: o estabelecimento do sentido de desligamento (ser deslocado) do mundo real e de relação com esse mundo, particularmente no que diz respeito às experiências do próprio corpo do sujeito, é o principal representante do mundo como a criança o experimenta, o objeto primário de amor.

O processo intrapsíquico nunca termina, permanece sempre ativo, novas fases do ciclo da vida vêm derivativos dos processos mais antigos ainda em funcionamento. Este processo começa por volta do quarto ou quinto mês de vida e vai até o trigésimo sexto mês, e se isto não for muito bem trabalhado acarretará problemas muito sérios, quando iniciar a fase de aprendizagem.

### COMUNICAÇÃO NA DÍADE MÃE-FILHO

Freud, em um de seus primeiros trabalhos, publicado postumamente, o *Project for a Scientific Psychology* (1895), discutiu como a comunicação surge na díade. SPITZ, 1957 referiu-se a essa colocação como:

"Falando de um esforço para descarregar um ímpeto liberado pelas vias motoras, Freud discute o processo de descarga que se torna necessário em consequência de estímulos originados dentro do corpo. O

exemplo que ele utiliza para ilustrar sua tese é a necessidade de alimento. Explica que, a fim de remover a tensão da fome, deve ser efetuada uma mudança no mundo exterior, mas que o recém-nascido é incapaz e não pode conseguir isso. O recém-nascido apenas pode descarregar a tensão que surge de sua necessidade pela manifestação difusa, casual de emoções, através de gritos, da inervação dos vasos sanguíneos, etc. Essa descarga não pode aliviar permanentemente a tensão. O estímulo só pode ser removido por uma intervenção específica, advinda de fora, tal como dar alimento ao bebê. A ajuda externa é necessária e é obtida despertando a atenção de alguém que esteja por perto, através de manifestações não específicas e ocasionais de descarga de gritos, de atividade muscular difusa, etc."

Eis uma afirmação de Freud que desenvolve todo um setor da teoria psicanalítica: "Esta via de descarga adquire, assim, uma função secundária extremamente importante - isto é: a de ocasionar um entendimento com outras pessoas; e o desamparo original dos seres humanos é então a fonte primitiva de todos os motivos morais".

## CAPÍTULO II

### A ALIMENTAÇÃO DO BEBÊ

Segundo WINNICOTT , a alimentação da criança é uma questão de relações mãe-filho, o ato de por em prática a relação de amor entre dois seres humanos.

Em qualquer período da história do mundo, uma mãe natural, levando uma vida sadia, terá facilmente pensado sempre na alimentação do bebê como uma simples relação entre ela própria e seu filho; mas existia, ao mesmo tempo, a mãe cujo bebê morria de diarreia e vômitos; ela ignorava que fora um germe que matara o seu bebê e convencia-se de que seu leite era ruim. As doenças e a morte de crianças faziam as mães perder confiança nelas próprias, levando-as a procurar um conselho autorizado. A doença física tem complicado , de inúmeras maneiras, o problema tal como é visto pela mãe. De fato, só em virtude dos grandes progressos realizados no conhecimento da saúde e doenças físicas é que podemos agora reverter a questão principal que é a situação emocional, o vínculo afetivo entre a mãe e o bebê. É esse vínculo que se deve desenvolver satisfatoriamente se quiser que alimentação materna decorra bem. (WINNICOTT, 1975).

Se a relação entre mãe e o bebê teve início e está se desenvolvendo naturalmente, então não fazem falta quaisquer técnicas alimentares nem o estudo de toda espécie de investigações; os dois juntos, mãe e filho, sabem melhor o que está certo do que qualquer pessoa estranha. Em tais circunstâncias, um bebê tomará a porção exata de leite no ritmo adequado e saberá quando tem que parar. E nesse caso nem sequer a digestão e as excreções do bebê terão de ser observadas por gente de fora. Todo o processo físico funciona precisamente porque a relação emocional se está desenvolvendo naturalmente. A mãe em tais circunstâncias pode aprender

sobre bebês com o seu bebê, tal como o bebê aprende a respeito da mãe pela dele. (WINNICOTT, 1975)

"Se a mãe estiver orientando suas relações com o bebê a sua própria maneira, estará fazendo o melhor que pode pelo seu filho, por ela e pela sociedade em geral. A única base autêntica para as relações de uma criança com a mãe e o pai, com as outras crianças e, finalmente, com a sociedade, consiste na primeira relação bem sucedida entre a mãe e o bebê, entre duas pessoas, sem que mesmo uma regra de alimentação regular se interponha entre elas, nem mesmo uma sentença que dite que um bebê deve ser amamentado ao peito materno. Nos assuntos humanos, os mais complexos só podem evoluir a partir dos mais simples" (WINNICOTT, 1975).

O contato físico é o meio mais eficaz para se chegar a intimidade emocional com uma criança, desde o adulto tenha capacidade para isso.

A maioria das experiências ocorridas no princípio da vida, são impregnadas de sentimentos. A criança tem muitos interesses, sua emoção costuma aparecer quando algo que ela anseia lhe é dado ou negado.

Segundo SULLIVAN, existe uma espécie de encadeamento emocional, o qual ele chama de empatia, que seria a comunhão emocional entre a criança e a figura materna. Empatia esta que perdura por toda vida, em algumas pessoas mais intensamente e em outras menos.

A amamentação é muito importante na vida do bebê, mas não podemos deixar de lado as outras formas de alimentação, pois toda forma de alimentação, quando bem feita, é importante. Neste caso a alimentação artificial pode ser até mais satisfatória do que a amamentação.

"A saúde mental do indivíduo está sendo construída desde do início pela mãe, que oferece um ambiente facilitador, isto é, um ambiente em que os processos podem desenvolver-se de acordo com o padrão hereditário

do indivíduo. A mãe está assentando, sem que o saiba, as bases da saúde mental do indivíduo" (WINNICOTT, 1988).

Se a mãe estabelecer uma relação "bem sintonizada", estará ajudando na formação do caráter e da personalidade do indivíduo. Quando a base da alimentação é positiva, no futuro, o bebê poderá ter a oportunidade de enfrentar o mundo de forma mais criativa.

Através da alimentação, a criança tem a primeira experiência de internalização e quando esta experiência é bem trabalhada, o processo de desenvolvimento segue uma trajetória natural, sem medo, ressentimento ou privação.

Às vezes não damos importância para estas coisas, mas quando a criança entra na fase de aprendizagem todas as experiências, desde do início de sua vida, devem ser levadas em consideração, pois a aprendizagem, também, é uma consequência do desenvolvimento emocional da criança, de tudo que ela viveu, observou e internalizou desde do princípio de sua vida.

Existe um recurso muito utilizado em clínica que é a anamnese, onde são cuidadosamente pesquisadas as histórias individuais, desde a gestação. Este instrumento nos revela, se bem utilizado, detalhes preciosos para que se possa compreender comportamentos atuais da criança, por exemplo dados sobre o sono, a alimentação e o desenvolvimento psicomotor.



### CAPÍTULO III

#### O PAPEL DA FRUSTAÇÃO NA APRENDIZAGEM E NO DESENVOLVIMENTO

O prazer e o desprazer têm um papel igualmente importante na formação psíquica e da personalidade. Não devemos evitar que o bebê também sinta desprazer durante o primeiro ano de vida, pois poderá prejudicá-lo do mesmo modo quanto não sentir o prazer. Essas sensações são intensas para o bebê, cabendo a mãe mostrar-lhe gradativamente que o mundo não é tal como se imagina, e que a imaginação não é exatamente como o mundo. Não deixar o bebê sentir qualquer um desses sentimentos é transtornar o equilíbrio do desenvolvimento.

A partir do momento em que nascemos, estamos sujeitos a várias frustrações, por exemplo a de asfixia no nascimento, que força a substituição da circulação fetal pela respiração pulmonar. Sentir sede e fome são frustrações repetitivas e que ajuda a evolução, pois elas forçam o bebê a tornar-se ativo, a procurar e incorporar comida (que até o seu nascimento recebia passivamente comida do cordão umbilical), e a ativar e desenvolver a percepção. O fator que também causa uma enorme frustração é o desmame, que obriga à separação da mãe e a um crescente grau de autonomia; e assim continua sua evolução, passo a passo. (SPITZ, 1993)

A frustração está incorporada no desenvolvimento. Quando recebemos sensações agradáveis, geralmente ficamos acomodados, tranquilos, sem que tenhamos um impulso para mudar, pois tudo está indo bem. Ao passo que a sensação de desprazer tem o "fator impulso" no grau mais elevado, as de desprazer nos leva em direção à mudança. (SPITZ, 1993)

O bem estar da criança requer frustração, vale ressaltar que as frustrações aqui referidas não é o castigo físico para criança e sim as frustrações que ocorrem naturalmente durante a criação de uma criança, aquela que conduza à experiência sempre renovada de uma maior uniformidade e de uma continuidade mais acentuada do desenvolvimento no sentido de uma integração final do ciclo de vida individual. Pois em contato com essas frustrações que se repetem, nos primeiros 6 meses de vida, a criança atinge um grau crescente de independência e torna-se cada vez mais ativa em suas relações com o mundo exterior.

Essas duas experiências, a de prazer e a de desprazer, são as duas principais experiências afetivas na primeira infância, pois tornarão o bebê capaz de suportar frustrações maiores - tanto a quantidade como a sua duração. Isso é muito importante, pois a capacidade de tolerar a frustração está na origem do princípio da realidade.

"A capacidade de adiar a satisfação da pulsão, de tolerar uma demora na descarga de tensão, de desistir de um prazer imediato e talvez incerto em troca da certeza de um prazer posterior, é um passo importante na humanização do homem. Isto tornou possível o progresso que vai da recepção interna à percepção externa; da percepção "passiva" a descarga motora na forma de ação, resultando em alteração ativa da realidade apropriada, isto é, na adaptação aloplástica".(SPITZ, R.A., 1993, pag.126)

## CAPITULO IV

### O AMBIENTE E ADAPTAÇÃO

O homem caracteriza-se por uma contínua renovação. Suas condições psicossomáticas variam constantemente. Cada fase da vida apresenta em si mesma algo novo, sendo uma etapa única, pois não se repetirá mais.

É necessário que todas estas fases sejam bem realizadas, pois em caso contrário, deixará marcas que permanecerão por toda a vida.

Mais uma vez é importante ressaltar o papel abrangente da mãe no aparecimento e desenvolvimento da consciência do bebê e a participação vital que ela tem no processo de aprendizagem.

Durante os primeiros anos de vida, as crianças lembram de inúmeros acontecimentos, dos quais não se lembrarão alguns anos depois, ao recapitular suas primeiras lembranças. Mas através de suas ações futuras, seu comportamento, ela apresentará o resultado de todas as suas experiências, mesmo ela não lembrando do que aconteceu, no seu inconsciente ficou registrado para o resto da vida.

Segundo JERSILD, através do desenvolvimento da memória, a criança tem capacidade de armazenar uma impressão passada e de revivê-la, sem ter que reviver a experiência original. Assim, através de suas lembranças, quando ela estiver mais velha, manterá um histórico da sua própria vida, este armazenamento chama-se memórias da infância.

As memórias da infância, formam uma ponte entre o seu presente e a opinião que tem do seu passado.

Segundo GUARDINI (1987), para o recém-nascido, com o seu fraco poder de auto-afirmação, o mundo é hostil. Os pais dão à criança a atmosfera de constante aceitação por meio de atenção e amor.

O ambiente físico e social coloca continuamente a criança diante de questões que rompem o estado de equilíbrio do organismo e desviam a busca de comportamento mais adaptativos. No caso do funcionamento mental, Piaget valoriza a curiosidade intelectual e a criatividade, sugerindo que o ato de conhecer é prazeroso e gratificante tanto para a criança como para o seu próprio desenvolvimento. O conhecimento possibilita novas formas de interação com o ambiente, proporcionando uma adaptação mais completa, neste sentido, é gratificante para o organismo, que se sente apto a lidar com situações novas.

No processo global de adaptação, estariam implicados dois processos complementares: a assimilação e a acomodação. A **assimilação** se refere à tentativa, feita pelo sujeito, de solucionar uma determinada situação, utilizando uma estrutura mental já formada, isto é, a nova situação, ou o novo elemento é incorporado e assimilado a um sistema já pronto. É tentar solucionar a situação nova com base nas estruturas antigas. A **acomodação** se refere ao sujeito modificar suas estruturas antigas para poder dominar uma situação nova. Segundo Piaget no momento em que a criança conseguir dominar adequadamente o segundo veículo diremos que se acomodou a ele, portanto adaptou-se a esta nova exigência da realidade.

Os processos de assimilação e acomodação são complementares e encontram-se presentes durante toda a vida do indivíduo e permitem um estado de adaptação intelectual.

A forma de vida da criança parece ser determinada pelos seguintes fatores: ela precisa habituar-se à existência individual; precisa aprender a andar em vez de ser carregada; a comer sozinha em vez de ser alimentada; etc... A proteção de que goza a criança consiste em que os pais - sobretudo a mãe, se interpõe entre ela e o mundo exterior.

Os pais não devem educar a criança com uma disciplina muito rígida, mas sim, ajudá-la a encontrar sua própria iniciativa de vida e adquirir coragem por si mesma. Devem cuidar para que a proteção que a envolve se afrouxe lentamente, para que ela perceba conscientemente que não perdeu o apoio, mas que, por outro lado, ela seja preparada para a separação.

Segundo RAPPAPORT (1981), os pais não devem limitar a métodos fixos de orientar por meio da proibição e da permissão: devem ser capazes de afirmar à criança uma convicção profunda, de que tudo que fazem tem um significado. Assim as crianças não ficam neuróticas por causa das frustrações, mas da falta ou da perda de significado social nessas frustrações.

O amor, a coragem e a firmeza são valores que se fazem necessários, e quando a criança não compreende isso desde a primeira infância, pode prejudicá-la para o resto da vida, principalmente na aprendizagem.

Uma criança criada em um ambiente desagradável pode se tornar uma criança dispersiva, sem motivação, sem objetivo, cabendo aos pais criarem um espaço, para a espontaneidade infantil, podendo observar a criança e descobrindo o que a incomoda e desagrada. A criança é, em essência, um ser em crescimento, o valor moral atribuído à sua idade, que consiste em ter um crescimento bem orientado, passa a ser responsabilidade inalienável daqueles que já cresceram: pai, mãe, irmãos mais velhos, professores e educadores.

"O educador é o advogado dos verdadeiros interesses vitais da criança, não apenas considerando-se as conveniências dos adultos mas também os próprios instintos infantis. Ele deve, estar atento para que a criança possa ser verdadeiramente criança".(NOHL,H.)

Segundo GUARDINI a existência da criança varia entre dois pontos: ela própria e seu educador (todos os que são responsáveis por ela). A importância do educador é maior quanto menor é a criança. Desse modo, o problema ético da infância é inicialmente um problema do educador, porém, o crescimento faz com que se torne, cada vez mais, um problema da própria criança.

## CAPITULO V

### DA DEPENDÊNCIA À INDEPENDÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO DO INDIVÍDUO

WINNICOTT, separou em três categorias este tema: A dependência absoluta, dependência relativa e o rumo a independência.

#### **A dependência Absoluta :**

No início o lactente é ao mesmo tempo dependente e independente. Há tudo que é herdado, incluindo os processos de maturação, e talvez tendências patológicas herdadas; estas tem uma realidade própria, e ninguém pode alterá-las; ao mesmo tempo, o processo maturativo depende para a sua evolução da provisão do ambiente. O ambiente favorável torna possível o progresso continuado dos processos de maturação. O ambiente não faz a criança e sim possibilita à criança a concretizar seu potencial.

Segundo WINNICOTT, a mãe e o pai não produzem um bebê como um artista produz um quadro. Eles iniciam um processo de desenvolvimento que resulta em existir um habitante no corpo da mãe, mais tarde em seus braços, e após no lar proporcionado pelos pais; este habitante se tornará algo que está fora do controle de qualquer um.

A dependência absoluta aparece no início da vida do bebê, onde a mãe procura satisfazer todas as necessidades instintivas da criança, e também as necessidades do ego de seu bebê.

Segundo WINNICOTT, as necessidades do ego são muitas, o melhor exemplo seria a questão de segurar no colo. Ninguém pode segurar um bebê a menos que seja capaz de identificar com ele.

#### **A dependência relativa:**

A diferença entre a dependência absoluta e a dependência relativa é que na primeira a dependência está além da capacidade de percepção do lactente e a segunda é a qual o lactente pode tomar conhecimento.

A dependência relativa, vem a ser um estágio de adaptação a uma falha gradual dessa mesma adaptação.

Os lactentes variam muito na sua capacidade de usar a compreensão intelectual de início, e muitas vezes a compreensão que possam ter é atrasada pela existência de uma confusão no modo em que a realidade é apresentada.

O lactente só pode ter uma apresentação não-confusa da realidade externa se for cuidado por um ser humano que está sintonizado no lactente.

Segundo VEIGA (1992), o bebê muda com uma rapidez surpreendente. Sua mudança se dá no sentido do desenvolvimento de suas capacidades. Essas capacidades de desenvolvem na direção de sua independência, de não precisar mais de alguém que desempenhe função de mãe para ele. Quando o bebê nasce, ele tem a capacidade de respirar, de sugar e de chorar quando sente algum incômodo. Mas essas capacidades estão se aprimorando a cada momento e novas capacidades estão surgindo. Elas precisam ser atendidas tanto quanto as necessidades que a função de mãe atende. Senão o bebê ficará sempre dependente dos adultos. Essas capacidades que permitem ao bebê virar gente grande precisam ser atendidas também pelos adultos, a criança sozinha não tem como atendê-las.

Segundo VEIGA(1992), esse atendimento das capacidades, nomeia de *função pai*, já que é o oposto da função mãe, e complementar a ela. Enquanto a função mãe é a continuação do ventre, a função pai é muito mais cheia de sutilezas. A função pai não consiste em atender e ajudar a



desenvolver todas as capacidades de uma criança, mas aquelas que vão determinar um rumo para a sua vida.

A função mãe e a função pai são necessárias, se complementam, mas exercê-las bem é muito complicado, porque dependem da capacidade dos adultos de compreender com clareza as necessidades e capacidades da criança.

Se essas funções forem bem exercidas e bem adaptadas ao desenvolvimento da criança, elas vão se extinguindo pouco a pouco. A criança cada vez mais terá capacidades para suprir-se sozinha de calor, proteção e nutrição, precisando menos da função mãe. O mesmo acontecendo com a função pai, porque suas capacidades caminharão no sentido de ela mesmo atender suas novas capacidades. A capacidade de uma criança começa sendo mínimas, mas à medida que o tempo passa vão aumentando cada vez mais e a criança não é mais criança, está criada e pronta para viver o mundo e dar continuidade a vida.

Mas, nem sempre isso acontece, inúmeras vezes as necessidades e capacidades da criança são atropeladas, não compreendidas, afinal, os atropelos da tarefa da função pai e da mãe é que vão causar as doenças psíquicas, as exageradas dificuldades de lidar com o mundo externo.

"O mundo externo é como uma pessoa a quem somos apresentados. Se foi apresentado de maneira agradável, aprendemos a gostar dela, caso contrário preferimos nos fechar no quarto. Isso é a doença psíquica: ficar fechado no quarto da alma e ter horror do mundo" (VEIGA, 1992).

Há uma piada que dramatiza bem os acidentes de percurso da criação:

"Mamãe não gosto de ir à escola!"

"Meu filho, você precisa ir!"

"Mas mamãe, eu não gosto dos alunos, eles são chatos , o professores também são chatos, tudo é chato lá!"

"Meu filho, você já tem quarenta e três anos, é o Diretor dessa escola, TEM QUE IR À ESCOLA!".

## CONCLUSÃO

"A base de todas as teorias do desenvolvimento da personalidade humana é a continuidade, continuidade em que está implícita a idéia de que nada daquilo que fez parte da experiência de um indivíduo se perde ou pode jamais vir a perder-se para este indivíduo, mesmo que, por força de causas complexas e variadas, viesse a tornar-se inalcançável à consciência."(WINNICOTT,1988)

Para PIAGET, o desenvolvimento irá seguir determinadas etapas(períodos, estágios) caracterizadas pela aparição de estruturas originais e de uma determinada forma de equilíbrio, que dependem das construções anteriores, mas dela se distinguem.

Cada etapa corresponde a determinadas características, que irão se modificando em função da melhor organização.

Cada estágio constitui uma forma única de equilíbrio, efetuando-se a evolução mental no sentido de um equilíbrio mais completo e de uma interiorização progressiva.

Segundo JERSILD, a educação de uma criança começa no nascimento, grande parte desta educação não é planejada, mas desde do início muitas experiências são claramente destinadas a promover o seu desenvolvimento.

"O desenvolvimento se inicia a partir do equipamento inicial (reflexos inatos) que vão gradualmente (no primeiro ano de vida) se transformando em esquemas sensoriais motores rudimentares. Estes esquemas incluem ações motoras explícitas, sendo, portanto, uma forma de inteligência exteriorizada, que irá se modificar, ao longo do tempo, no sentido de uma interiorização gradual, caminhará para um desligamento progressivo da ação e para formação de esquemas conceituais que supõem uma ação mental" (RAPPAPORT, 1981).

A aprendizagem representa capacidades que surgem, como resultado de experiências vividas. A criança herda a capacidade para a aprendizagem e o desempenho, mas a plena realização destas capacidades depende das condições que o meio ambiente irá oferecer.

Quando a criança chega a idade escolar, dentro dos limites da sua experiência e informação, usa o raciocínio tanto indutivo quanto dedutivo, embora nem sempre seja capaz de expressar esse raciocínio em palavras.

Na idade escolar a criança já forma esquemas conceituais e já trabalha com eles de acordo com os princípios da lógica, mas, depende ainda da existência dos objetos no mundo exterior, formando esquemas mentais daqueles objetos que tem existência concreta.

Só no período seguinte, na adolescência, é que a criança atingirá os objetivos básicos de seu desenvolvimento mental, começam a pensar abstratamente, pensar sobre situações baseadas em hipóteses de modo lógico e organizar regras, em estruturas mais complexas. Sendo nesta fase que o indivíduo atingirá sua forma final de equilíbrio e isto será possível pela formação dos esquemas conceituais abstratos.

Podemos ver, então, como é longo e complicado o processo de desenvolvimento mental, que tem início com um ser totalmente imaturo, dotado de uns poucos reflexos e gradualmente vai construindo sua vida mental, enriquecendo-se progressivamente; até chegar a ter capacidade para imaginar uma doutrina filosófica, questionar valores sociais, analisar os fundamentos religiosos, etc.

Por isso, em função da complexidade do processo que o estudo do desenvolvimento da inteligência torna-se uma tarefa árdua e difícil. Mas é extremamente gratificante quando se chega à compreensão de qual é o mecanismo mental que está determinando tal ou qual comportamento da criança.

**BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:**

- DUNKER, A.C.B. & LORDELO, E.R.; Um novo bebê: interpretações sobre competências., **Revista Psicologia - Ciência e Profissão**, Brasília, 13(1,2,3 e 4):10-15, 1993.
- JERSILD, A.T. - **Psicologia da Criança**, Belo Horizonte: Itatiaia Ltda, 1966.
- MAHLER, M.S. - **O Nascimento Psicológico da Criança: Simbiose e Individualização**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1993
- RAPPAPORT, C.R.; FIORI, W.R.; DAVIS, C. - **Psicologia do Desenvolvimento**, São Paulo: EPU, 1981
- SPITZ, R.A. - **O Primeiro Ano de Vida**, São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA., 1993.
- VEIGA, F.D. da, **A Criação Segundo Freud: O que queremos para os nossos filhos?** - Rio de Janeiro: Pelume-Dumará, 1992
- WINNICOTT, D.W. **A Criança e Seu Mundo**, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- WINNICOTT, D.W. **Os Bebês e Suas Mães**, São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, São Paulo, 1988.
- WINNICOTT, D.W. **O Ambiente e os Processos de Maturação: Estudo sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.